

ECONOMIA & CENÁRIOS ECONÔMICOS

Uma metodologia didática

Celso Sartorelli

ECONOMIA & CENÁRIOS ECONÔMICOS

Uma metodologia didática

EDITORA
LUX

São Paulo - 2020

Copyright © 2020 por Celso Sartorelli

Economia & cenários econômicos – Uma metodologia didática
Celso Sartorelli

1ª Edição

1ª tiragem – abril de 2020 – 1.000

Edição

Editora Lux

Revisão:

XXXXXXXXXX

Diagramação:

Ampersand Studio

Capa:

XXXXXXXXXX

ISBN – XXX-XX-XXXX-XX-X

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação
Ficha Catalográfica feita na editora

XXXX, Celso Sartorelli

Economia & cenários econômicos / Uma metodologia didática /
Celso Sartorelli . 1 ed. São Paulo, Editora Lux, 2020.

84 p.; 21cm (broch.);

ISBN XXX-XX-XXXX-XX-X

CDD B869.35

CDU 82-31

Índice para catálogo sistemático

Editora Lux

Endereço: Avenida Conceição, 130

São Paulo – SP - CEP: 02072-000

Tel.: 11 4213-0401

WhatsApp: 11 95916-6965

E-mail: contato@editoralux.com.br

SUMÁRIO

Capítulo - 1

Introdução à Economia 7

Capítulo - 2

Bens 12

Capítulo - 3

Produção de bens e serviços 15

Capítulo - 4

Mercados 16

Capítulo - 5

Fatores de produção 19

Capítulo - 6

Fluxo circular da renda 21

Capítulo - 7

Preço 23

Capítulo - 8

Custo 24

Capítulo - 9

Inflação 29

Capítulo - 10	
Mercado de bens e serviços.....	32
Capítulo - 11	
Elasticidade	40
Capítulo - 12	
Custo de oportunidade.....	52
Capítulo - 13	
Teoria da produção	55
Capítulo - 14	
Teoria dos custos	57
Capítulo - 15	
Mercado monetário.....	67
Capítulo - 16	
Economia internacional	69
Capítulo - 17	
Investimentos	77
Capítulo - 18	
Produto Interno Bruto (PIB)	79
Capítulo - 19	
Balança comercial	81
Capítulo - 20	
Balanço de pagamentos	82
Referências.....	83

1

INTRODUÇÃO À ECONOMIA

1.1 Ciência Econômica

Economia é a ciência social que estuda as relações humanas, de consumo e das atividades produtivas avaliáveis monetariamente tendo por fim a administração do patrimônio, seja ele público ou privado.

É importante mencionar que a Economia não é uma ciência exata. Prognósticos são baseados em fatos que ocorreram no passado, comparados com o que ocorre atualmente e que poderão repetir no futuro com intensidade igual, menor ou maior. “Conhecer o passado para entender o presente e *prever* o futuro”.¹ Exercícios de futurologia não são absolutamente confiáveis; assim, substituímos o verbo “prever” por “planejar”: “Conhecer o passado para entender o presente e *planejar* o futuro”.

1.2 A economia e a filosofia

Citando filósofos, pensadores e economistas de outros tempos, que muito influenciaram e contribuíram para o liberalismo econômico contemporâneo, com mínima atuação do estado na economia, destacamos Adam Smith, que descreveu um sistema de mercado de livre-concorrência guiado por uma “mão invisível”; dentre outros defensores da fisiocracia da escola francesa que ensinavam que o estado não deveria interferir no sistema econômico, uma vez que o próprio mercado se encarregaria de sua autorregulação – “*laissez*

¹ Adaptado de Heródoto, filósofo grego: “pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”.

faire, laissez passer, le monde va lui-même” – “Deixai fazer, deixai passar, que o mundo anda por si mesmo”.

Por sua vez, em contraposição a Adam Smith, que defendia a não intervenção do estado na economia, surge a teoria keynesiana (de John Maynard Keynes), notadamente, após a Grande Depressão, que teve início nos anos 1930 (lembrando que em 1929 houve o *crack* da Bolsa de Nova York). Keynes antevê o início da derrocada do pensamento smithiano, que, dentre outros preceitos, preconizava que a oferta produziria demanda. Até certo período de tempo é possível a oferta criar demanda: empresas produzindo muito, criando e mantendo o emprego, gerando mais renda para a população, que passa a ter maior poder de consumo, fazendo girar a economia. Porém, isso tem um limite. A oferta muito maior que a demanda cria excedente de produção, altamente prejudicial à lucratividade das empresas.

Notadamente após a Guerra Mundial de 1917, a aplicação do liberalismo de Smith se fez valer por alguns anos, quanto ao aspecto de livre-comércio. A Europa, destroçada pela guerra, importava muito do que lhe faltava dos norte-americanos. As indústrias americanas, a pleno vapor, produziam muito para suprir as necessidades europeias.

A economia norte-americana do Pós-guerra apresentava índices de desemprego baixíssimos, renda da população aumentando, PIB crescendo. Mediante esse crescimento econômico, a população passou, além de consumir muito mais, a aplicar suas economias (poupança) em ações em grande escala que geravam expressiva lucratividade.

Eles só não previram que, depois de certo tempo, a Europa, já plenamente abastecida, diminuiria drasticamente o volume de importações, que se tornariam cada vez mais escassas. Porém, as indústrias americanas continuariam “no embalo”, produzindo em grande escala, gerando estoque altíssimo, descapitalizando, perdendo receita, uma vez que o excedente da produção não tinha demanda, nem com a redução de preços.

Resultado: diminuição da produção, aumento do desemprego, diminuição da renda, PIB despencando que culminou com o “efeito manada” para vender ações que já não eram lucrativas, corrida aos saques dos depósitos nos bancos, falência de muitas empresas e bancos (que também haviam investido massivamente em ações), culminando com a quebra da Bolsa de Nova York em 1929.

O que fazer com essa força de trabalho e instalações que faziam a oferta produzir demanda?

A solução veio com o keynesianismo e foi aplicada pelo então presidente dos Estados Unidos, Roosevelt (*New Deal* – “novo acordo”):

- aumento dos gastos públicos com obras de infraestrutura (geração de empregos);
- redução da carga tributária e aumento das vantagens trabalhistas (maior renda do trabalhador);
- redução das taxas de juros e ampliação do crédito (ampliação da demanda);
- protecionismo às indústrias norte-americanas (menor volume de importações).

A recuperação consolidou-se com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Grande Guerra, uma vez que eram grandes produtores e exportadores de armamento.

Grande parte dos economistas, mesmo aqueles adeptos do liberalismo ou neoliberalismo, acredita que o estado poderá intervir na economia em momentos de crise, aplicando a teoria keynesiana por algum tempo, até que a recessão seja debelada.

1.3 A Influência da economia em nosso cotidiano

Somos constantemente afetados pela conjuntura econômica: para manter nossa sobrevivência, pagamos para nos alimentar, nos vestir, morar, nos locomover, cuidar de nossa saúde, impostos incidentes sobre nosso salário, tudo o que compramos e outros tantos dispêndios: tudo atrelado às condições econômicas atuais.

Nossa vida ou qualidade de vida fica na dependência de vários fatores econômicos: inflação alta, moderada ou baixa, desemprego ou pleno emprego, recessão ou crescimento econômico, valor de nossa moeda com relação às outras moedas e outras condições econômicas que vão se somando e repercutindo em nossa vida.

1.4 Escassez – Fator primordial dos estudos econômicos

O conceito de escassez econômica deve ser entendido como a situação em que a produção de bens se dá mediante a utilização

de recursos limitados. Portanto, resulta em bens insuficientes para satisfazer as necessidades e os desejos de cada indivíduo.

O estudo da economia como ciência social tem na escassez o ponto determinante para acomodar nossos ilimitados desejos e necessidades em contrapartida aos escassos recursos disponíveis. Após suprir nossas necessidades básicas, buscamos aquelas que nos trazem maior bem-estar e conforto e, satisfeitas estas, passamos a desejar mais, como um automóvel melhor, uma casa de praia ou de campo e até mesmo coisas supérfluas que, se não adquiridas, não nos custarão a sobrevivência nem afetarão a qualidade de vida.

1.5 Macroeconomia e Microeconomia

A Economia é dividida em Microeconomia, que estuda o comportamento do consumidor, do produtor e a determinação do preço e da quantidade de bens e serviços de um mercado específico, enquanto a Macroeconomia estuda os fatores mais amplos da economia, como: políticas econômicas, nível geral dos preços, consumo em nível nacional, PIB (Produto Interno Bruto) etc.

1.6 Os primórdios da Economia

Ao saírem das cavernas, os primeiros *Homo sapiens* passaram a viver em pequenas comunidades (tribos) onde se sentiam mais protegidos. Foram gradativamente evoluindo e o produto que faltava em sua comunidade buscavam trocar com outras tribos, utilizando os produtos que lhes eram mais abundantes (escambo). Eram os primeiros passos para o comércio.

A escassez de alimentos (a primeira necessidade para a sobrevivência) em seus arredores fez que buscassem cada vez mais longe esses produtos. Entretanto, as mercadorias que levavam para troca eram volumosas demais para o transporte a longa distância ou estragavam com facilidade.

A solução que conferiu mais praticidade às trocas foi a escolha de um produto que, por ser de alta utilidade, pouco volume e de fácil aceitação, servisse de base de troca para as demais mercadorias. O produto com essas características utilizado por vários povos à época foi o sal, que passou a ser “moeda de troca” com todos os demais produtos.

Em relação ao sal, há um aspecto curioso. É do sal que vem o termo **salário**, definido como pagamento ou remuneração por serviços prestados.

Não demandou muito tempo até que pedras e metais preciosos assumissem o papel de moeda e com ela, aparecessem os primeiros ourives, que passaram a receber depósito desses metais e pedras preciosas e a emitir certificados que eram negociados com mercadorias em longas distâncias com mais facilidade (vemos surgir, assim, a célula das primeiras instituições bancárias).

Observando que sempre havia um estoque de pedras e metais preciosos, isto é, sem resgate simultâneo pelos seus detentores, os “espertos” ourives passaram a emitir títulos em quantidade superior ao que havia em lastro. Podemos fazer um paralelo com o que ocorre hoje com o dinheiro depositado em contas bancárias. Se todos os depositantes forem sacar simultaneamente o valor em depósito ou investimento, não haverá recursos necessários para satisfazer esses saques.

Evoluindo ainda mais, passaram a cunhar moedas em metais preciosos com valor especificado. Depois, cédulas que eram emitidas mediante lastro depositado em ouro, o que perdurou por um bom tempo, até esse sistema ser abolido. De lá para cá, a moeda vem sofrendo evolução, e é compreensível hoje a existência da moeda virtual (*sky-money*), que poderá em futuro não muito distante substituir, em “nuvem”, todas as formas físicas de moeda (cédulas, cheques, títulos e certificados de investimentos e cartões de crédito e débito).

1.7 Os indivíduos e a sociedade consumidora

Em menor ou maior escala e em determinado período de tempo, todos somos consumidores. Todas as economias têm sua origem no consumidor individual, que, somado à massa consumidora, movem as economias, sejam elas regida pelo mercado (concorrência perfeita) ou administradas pelo poder público (economia centralizada).

2

BENS

2.1 Definição

Bens são produtos que possuem utilidade e valor monetário.

2.2 TIPOS

Os bens são classificados conforme segue.

2.2.1 Bens de consumo

São bens finais destinados a satisfazer necessidades e desejos humanos. São classificados em **bens duráveis** (geladeiras, automóveis etc.) e **não duráveis** (alimentos, produtos de limpeza etc.). Enquanto os bens citados representam basicamente necessidades de consumo humano, podemos classificar o consumo de caviar como bem de consumo não durável pertencente à classe dos produtos supérfluos que se ligam mais aos desejos que às necessidades humanas. Também se enquadra na classificação de bem de consumo supérfluo, mas durável, um automóvel marca Jaguar, que está muito mais para “desejo” do que para necessidade humana.

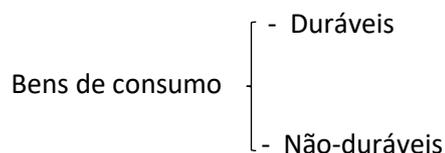


Figura 1 - Classificação dos bens de consumo.

2.2.2 Bens de produção

Também conhecidos como bens de capital, os bens de produção, como o próprio nome indica, destinam-se à produção de outros bens (tornos, fresadoras, caldeiras, fornos etc.).

2.2.3 Bens complementares

São bens que normalmente são consumidos com outros (margarina, manteiga etc., consumidas com pão, por exemplo).

2.2.4 Bens intermediários

São bens que são incorporados a outros no processo produtivo (aço na produção de automóveis).

2.2.5 Bens substitutos

São bens que podem ser consumidos em substituição a outros (etanol por gasolina).

2.3 Necessidades humanas

As necessidades humanas estão relacionadas diretamente com a **sobrevivência do homem** em condições mínimas de alimentação, habitação (ter um teto para se abrigar), higiene (estar limpo e manter limpo seu local), conforto (ter local, na medida do possível, confortável para viver), saúde (ter acesso ao sistema de saúde e a medicamentos), segurança (sentir-se protegido) e acesso à educação (escola e material escolar).

Há dois grupos de necessidades humanas:

- Não econômicas: são aquelas que podem ser satisfeitas com bens que não precisam ou não podem ser produzidos. São bens encontrados livremente na natureza (ar que respiramos, água da chuva que molha as plantas).
- Econômicas: são aquelas cuja satisfação depende de bens que podem e precisam ser produzidos e, portanto, são bens escassos.